

A PATERNIDADE LIBERTADORA

«A Deus jamais alguém o viu; o Filho Unigénito, que é Deus, e está no seio do Pai, Ele o deu a conhecer.» (Jo 1,18). De facto, «No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele tudo começou a existir e sem Ele nada veio à existência (Jo 1,2-3).

São Paulo afirma: *«Ele a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis ... Ele é anterior a todas as coisas e todas elas subsistem nele» (Col 1,15-17).*

Jesus é de verdade o Filho de Deus, o Verbo eterno que presidiu a criação do mundo: *«o Verbo fez-se carne e habitou entre nós, e contemplamos a Sua glória; glória de Filho unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1,14);* nascido por uma mulher, a Virgem Maria, tornou-se verdadeiro homem, nosso irmão, no sofrimento e na morte. Nele podemos conhecer o verdadeiro rosto de Deus: o Pai.

Deus Criador: *«no princípio Deus criou o céu e a terra» (Gn 1,1).* São João afirma solenemente: *«No princípio existia o Verbo» (Jo 1,1).* O Catecismo da Igreja Católica (n. 295) afirma:

Acreditamos que Deus criou o mundo segundo a sua sabedoria. O mundo não é que ele procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade: *«porque Vós criastes todas as coisas e, pela vossa vontade, elas receberam a existência e foram criadas» (Ap 4, 11).* *«Como são grandes, Senhor, as vossas obras! Tudo fizestes com sabedoria» (Sl 104, 24).* *«O Senhor é bom para com todos e a sua misericórdia estende-se a todas as criaturas» (Sl 145, 9).* Depois da criação, Deus não abandona a criatura a si mesma. Não só lhe dá o ser e o existir, mas a cada instante a mantém no ser, lhe dá o agir e a conduz ao seu termo. Reconhecer esta dependência total do Criador é fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança (Catecismo n. 301)

Deus, na Sua Providência, confia aos homens a responsabilidade de «submeter» a terra e dominá-la (Gn 1,26-28). Os homens, como causas inteligentes e livres, com o seu trabalho completam e aperfeiçoam a obra da criação. Muitas vezes de forma inconsciente se tornam colaboradores de Deus (*1 Cor 3, 9*)(144) e do seu Reino (Col 4,11). (Cf. Catecismo, n. 307)

A nossa vinda ao mundo não é fruto de um destino cego, mas da vontade amorosa de Deus. Existimos, pura e simplesmente, porque Deus o quis. Os nossos pais, de qualquer forma, foram colaboradores de Deus; instrumentos

voluntários e conscientes, por Ele escolhidos, mas não o motivo fundamental da nossa vinda ao mundo. Foi Deus que determinou a nossa existência. Ele podia nos ter criado de outra forma, mas na Sua providencia infinita escolheu que fôssemos gerados e acolhidos no ceio da ternura de uma família. Através deles manifestou-se o Seu amor paternal.

Sem Deus não existiríamos. Ele é a origem e o fim último da nossa vida. Ele é razão essencial da nossa existência, porque, desde o início, chamou-nos a participar da Sua plenitude e felicidade – o Céu. É para lá que Ele nos conduz a fim de realizarmos a nossa vocação, a comunhão perfeita com Ele.

O homem moderno quer afirmar a sua autonomia e recusa a paternidade de Deus, como também qualquer outra autoridade ou dependência; mas, ao rejeitar a Deus, perde a sua liberdade e se torna escravo do mundo e instrumento passivo do materialismo que domina a sociedade. Só Deus o poderá libertar dessa escravidão porque a Sua autoridade paterna respeita a liberdade e autonomia pessoal e, ao mesmo tempo, lhe abre a perspectiva da eternidade.

Reconhecer a autoridade paterna de Deus é para nós fonte de vida. Deus respeita a nossa liberdade, mas não renuncia à Sua autoridade divina, quer ser tratado por aquilo que Ele é. Ora, Ele não nos trata como servos, mas como filhos. Ele poderia valer-se da Sua autoridade divina, mas que apenas ser tratado por Pai, pois, Ele é Amor, Amor Paterno. Não é um Deus longínquo, mas um Deus próximo. Um Pai que quer a felicidade dos Seus filhos.

Deus é Pai e, quando nós vivemos como Seus filhos e herdeiros da vida eterna, ficamos libertos da escravidão do mundo. De facto, a dependência filial não é uma dependência servil, ma uma dependência de amor; uma dependência livremente escolhida, no pleno respeito da nossa liberdade e autonomia e nos conduz para a felicidade eterna.

A filiação divina - Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus; e, realmente, o somos! É por isso que o mundo não nos conhece, uma vez que o não conheceu a Ele. Caríssimos, agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. O que sabemos é que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é. (1Jo 3,1-2)

Deus, como bom Pai, oferece-nos a possibilidade de atingir a verdadeira felicidade. Por isso Ele, com amor paterno, corrige-nos, educa-nos e alerta-nos sobre o perigo de nos desviarmos do caminho do bem. Ele quer que sejamos santos como Ele é santo, quer que pertençamos ao Seu Reino e convidando-nos a cumprir os Seus mandamentos. São estas as nossas

obrigações, que queremos cumprir com amor e com a maior perfeição possível, de acordo com os deveres que assumimos.

“Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o estilo de vida orgulhoso - não vem do Pai, mas sim do mundo. Ora, o mundo passa e também as suas concupiscências, mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre. (1Jo 2, 15-17)

Deus não pretende coisas impossíveis que superem as nossas capacidades, antes, ajuda-nos com a sua graça. Deus é um Pai educador e quer que os Seus filhos sejam pessoa de bem, bons cristãos e bons cidadãos, amigos dos seus amigos, que não se esquecem das obrigações quotidianas.

Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim, quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (1 Cor 13, 12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais, mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse *Sábado* (158) definitivo, em vista do qual criou o céu e a terra. (Catecismo, 314)

Cf. Catecismo da Igreja Católica, nn. 268-269; Deus Criador, nn. 279-280; a criação, obra da SS. Trindade, nn. 290-292; o mundo foi criado para a glória de Deus, nn. 293-294; Deus cria com sabedoria e amor, n. 295; transcende o mundo e está presente nele, 300; sustenta e conduz a criação, 301; a divina Providência, nn. 302-305 ss.

(padreleo.org)